

*Metodologias qualitativas na Sociologia* não é um trabalho comum em se tratando de uma obra versando sobre metodologia científica, já que não se limita, embora o faça, a ensinar técnicas de pesquisa. Ao contrário, ele é, do prefácio à última linha das Considerações Finais, animado por uma reflexão teórica sobre as questões fronteiriças do agir humano, das ciências sociais e do ato de pesquisar. O Prefácio à terceira edição revela que a motivação que presidiu à sua redação foi uma preocupação em compreender as relações entre "estrutura e ação individual". Nas Considerações Finais lê-se: "O jogo entre a permanência (estrutura) e o movimento (a ação social) representa, de fato, o componente básico da sociedade... Não são as estruturas as responsáveis pela *manutenção* da sociedade, nem são as ações sociais que a *movem*. São as duas — estruturas e ações — que tornam a sociedade possível e que

fazem a modelagem do seu caráter ora na direção da permanência, ora na direção da mudança" (p.211). Há também, ao longo dos capítulos, uma constante preocupação com o entrelaçamento da ação individual e da ação coletiva. Já a Introdução deixa clara uma vontade teórica de inquirir as fronteiras entre o empirismo, com sua valorização dos sentidos, da indução e da aproximação direta com o real, e o racionalismo, com sua confiança no papel da razão, da reflexão e da dedução. As tensões ou mesmo conflitos entre os imperativos políticos e aqueles do fazer científico encontram destaque constante: quer-se apresentar "uma discussão que exiba as angústias e impotências de um cientista social que se pretende comprometido com a justiça e a equidade, mas que se sente preso aos imperativos do rigor científico" (p.22). "Onde situar as fronteiras entre ciência e política?", pergunta a autora.

Um espírito questionador e dialético no sentido de levar a reflexão a superar os limites empobrecedores do real vivido marca a construção e o conteúdo da obra. O título já é questionador e polêmico: *metodologias qualitativas na sociologia*. A autora quer desfazer uma idéia largamente difundida entre os cientistas sociais, a saber, que as metodologias qualitativas tiveram suas origens na antropologia. "Os termos gerais 'trabalho de campo', 'pesquisa de campo', 'estudo de campo' eram usados tanto por antropólogos, para se contrapor aos trabalhos que utilizavam o método comparativo dos 'antropólogos de gabinete', como por sociólogos americanos que reagem à crescente influência da teoria funcionalista, na sociologia... As duas áreas, antropologia e sociologia, lançaram mão de técnicas semelhantes na abordagem do real, especialmente no valor que alocaram à participação do pesquisador no local pesquisado, e à necessidade de ver o mundo através dos olhos pesquisados... Enquanto a antropologia busca o 'sentido das coisas\*' para melhor compreender o funcionamento de

uma sociedade primitiva ou de um grupo humano, a sociologia — em sua vertente interacionista — fá-lo porque acredita que toda a organização societal está assentada nos 'sentidos', nas 'definições' e nas 'ações' que indivíduos e grupos elaboram ao longo do processo de 'interação simbólica' do dia-a-dia" (p.66-67).

As metodologias qualitativas na sociologia, nascem, portanto, em um ambiente social, intelectual e teórico específico: a sociologia americana da interação simbólica, "que se reporta em origem a clássicos da sociologia do fim do século XIX tais como Cooley, Thomas e Mead, embora o termo interacionismo simbólico tenha sido cunhado por Herbert Blumer em 1937" (p.25). Essa retificação sobre as origens sociológicas das metodologias qualitativas permite à autora uma grande originalidade: iniciar seu trabalho — Primeira Parte — por uma apresentação e uma discussão dos "Fundamentos teóricos de algumas metodologias qualitativas na sociologia". Desta forma, a autora estabelece que a pesquisa

social com seus métodos e suas técnicas é caudatária de uma teoria, de um olhar prévio sobre o mundo. Os métodos e as técnicas não são autônomos, nem neutros. A observação instrumentalizada não desvenda mecanicamente o real vivido, pois não prescinde de interpretações e visões de mundo. Pesquisar é sempre tematizar o real, dentro de uma dialética do sujeito e do objeto, com a ajuda de métodos e técnicas que permitem uma mais completa aproximação de um real inesgotável e móvel, já que se modifica constantemente através da interação. Esta primeira parte apresenta e discute as teorias da interação simbólica nas vertentes de George Herbert Mead, de Herbert Blumer e Manford Kuhn e, mais rapidamente, nas elaborações particulares de Harold Garfinkel, a etnometodologia, e de Erving Goffman, a dramaturgia social terminando com um quadro conclusivo e crítico do ponto de vista da interação simbólica.

A Segunda Parte pode, então, discutir as metodologias qualitativas sem medo de que sejam consideradas independentes de um pon-

to de vista teórico sobre o real. A autora empenha-se em evitar uma escolha definitiva, valorativa ou preconceituosa, entre métodos e técnicas quantitativas e qualitativas. Para ela, o pesquisador deve utilizar o tipo de método mais adequado para cada tipo de objeto de estudo: "os métodos quantitativos supõem uma população de objetos de observação comparáveis entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e sua razão de ser" (p.63). Desta forma, "tanto as estruturas quanto os microprocessos de ação social devem ser conhecidos, analisados e interpretados, cabendo a cada um a metodologia apropriada, a metodologia que melhor se adequa ao problema que se deseja investigar" (p.20). Quatro técnicas da metodologia qualitativa são discutidas, destacando suas origens, seu potencial e suas limitações: a observação participante, a história de vida, a entrevista e a história oral. As Conclusões apresentam um balanço dos méritos e limites das metodologias quantitativas e qualitativas.

A Terceira Parte novamente manifesta originalidade e vontade de não deixar escapar nada que possa instrumentalizar o pesquisador na sua conquista do real. Em consequência das críticas à metodologia da pesquisa tradicional das ciências sociais, especialmente no que se refere à sua falta de neutralidade e objetividade e seu postulado de distanciamento entre sujeito e objeto de pesquisa, várias alternativas de pesquisa foram propostas, entre as quais a pesquisa-ação e a pesquisa-participante. Essas alternativas remetem à necessidade "não só da inserção do pesquisador no meio, como de uma participação efetiva da população pesquisada no processo de geração do conhecimento, concebido fundamentalmente como um processo de educação coletiva... no intuito de minimizar as desigualdades sociais nos seus mais variados matizes (desigualdades de poder, de saber etc.)" (p. 109). Mas, o que são essas pesquisas alternativas, quais são seus fundamentos teóricos, epistemológicos e metodológicos, e como se comparam, criticamente, com a pesquisa tradicional? Escolhendo a *en-*

*quete* operária exposta por Michel Thiollent, a intervenção sociológica de Alain Touraine e a pesquisa-ação institucional de René Barbier como exemplos de pesquisa-ação e uma síntese de vários trabalhos sobre a pesquisa-participante, a autora procura responder a essas perguntas, para concluir que se "a interferência do sujeito junto ao objeto de pesquisa — a quebra da objetividade (provocada pela pesquisa-ação e pela pesquisa participante) — se justifica, porque não é a captação do real em determinado momento que interessa e que representa o objetivo da pesquisa participante e da pesquisa-ação, mas um conhecimento *em processo* que se estabelece. Isto não significa que toda geração de conhecimento deva necessariamente tomar esta forma... Nada garante que as explicações, interpretações, ações e práticas da pesquisa participante e da pesquisa-ação sejam aquelas mais próximas "do verdadeiro" — consonância entre o que é dito e o que é — nem que elas conduzam ao melhor tipo de ação liberadora" (p.208-209).

A Quarta Parte retoma a questão dos fundamentos teóricos da

metodologia qualitativa na sociologia, mas, desta vez, em uma perspectiva marxista. A intenção é descobrir se existe afinidade teórica entre os pressupostos das metodologias qualitativas e a teoria marxista ou, melhor, as teorias marxistas. Em outras palavras, quais as relações entre estrutura e ação individual no marxismo? É certo que a interpretação estruturalista do marxismo minimizou a importância da ação individual na interpretação sociológica. Mas o que dizer do marxismo analítico? Não estaria ele restabelecendo "o trânsito, o individual, o coletivo e o estrutural, abrindo amplas possibilidades para a explicação de fenômenos sociais antes obnubilados pelas várias ortodoxias que cerceavam a *imaginação sociológica*, tão cara a Marx quanto a Wright Mills"? (p. 12). Afinal de contas, a imaginação sociológica pressupõe, nos dizeres de C.W. Mills, um trânsito entre "biografia e história", pressuposto também das metodologias qualitativas. Mais do que introduzir aos métodos e às técnicas da pesquisa

qualitativa, o livro da professora Teresa Haguette convida a uma reflexão sobre o significado e as conseqüências teóricas, sociais e éticas do ato de pesquisar. As metodologias e as técnicas são, de fato, ensinadas, mas dentro de uma intenção teórica, interpretativa e crítica, o que dá ao livro um valor pedagógico inegável e justifica seu sucesso. O leitor aprende que não existe empreendimento científico sem qualidade na observação, rigor científico e atenção analítica que sustentem o caráter fundamentalmente interpretativo, teórico e ético da pesquisa social. A bibliografia e as notas de rodapé, bem documentadas, incitam o leitor a complementar os capítulos necessariamente sucintos. Vale notar um erro editorial: há dois capítulos XII; o primeiro é, na verdade, o XIII e deveria vir após o segundo.

André Haguette  
Universidade Federal do Ceará  
(UFC)